

A APREENSÃO DE UM GÊNERO: A NOTÍCIA

Márcia Helena de Melo PEREIRA¹⁰

Resumo: Neste trabalho, abordaremos o gênero notícia, mas sob o ponto de vista de sua criação, de sua gênese. Por meio de dados processuais de uma notícia escrita por uma dupla de estudantes de uma escola pública, cursando o Ensino Médio, procuramos verificar de que maneira se deu a circulação social desse gênero e se seu estilo, notadamente mais padronizado, foi um obstáculo para entradas subjetivas. Registramos tais dados por meio de um *software* e de duas gravações: uma em vídeo e outra em áudio. Teoricamente, embasamos, principalmente, no conceito de gênero discursivo formulado por Bakhtin. Os resultados mostraram que o estilo do gênero foi prevalente.

Palavras-chave: Gênero do discurso. Notícia. Estilo

Resumen: *Este trabajo discute el género noticia desde el punto de vista de su creación y génesis. A través de datos de procedimiento de una noticia, escrita por un par de estudiantes de enseñanza secundaria pública, se trató de verificar cómo se dio la circulación social de este género y si su estilo, notablemente más estandarizado, fue un obstáculo para entradas subjetivas por parte de los autores. Tales datos fueron registrados a través de software y de dos grabaciones: una en vídeo y otra en audio. La principal base teórica fue el concepto de género discursivo formulado por Bakhtin. Los resultados mostraron que el estilo del género prevaleció.*

Palabras-claves: *Género del discurso. Noticia. Estilo.*

¹⁰ Professora Doutora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da UESB e do programa de Mestrado em Linguística (PPGLin) também da UESB, campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br

Introdução

Ao longo da existência humana, é fácil constatar o interesse que o homem nutre pelas notícias que lhe chegam sobre os mais variados assuntos. No entanto, antes de Gutenberg, ter acesso à informação não era algo tão simples. Conforme os registros históricos apontam, em Roma antiga, por exemplo, as notícias costumavam ser expostas em placas de argila e espalhadas por locais públicos da cidade, geralmente ordenadas por Júlio César para divulgar seus feitos militares. Na Idade Média, cartas enviadas pela população em geral começaram a conter informações sobre fatos ocorridos nas comunidades locais, além das informações pessoais, tradicionais, ali comunicadas. A carta escrita por Pero Vaz de Caminha, que relata detalhes da chegada de sua tripulação ao Brasil, ilustra essa ocorrência.

A partir da revolução tecnológica proporcionada por Gutenberg, a escrita ganha a possibilidade de ser fixada em letras de chumbo. Entra em cena o tipógrafo, ou seja, em vez de *manu-scriptos* e de *cali-grafia*, a humanidade passa a contar com uma *tipo-grafia*. Começa aí a proliferação em escala global do gênero noticioso, que é hoje um dos mais conhecidos dentre os gêneros discursivos.

Atualmente dispomos da tecnologia digital e mesmo nela a notícia continua sendo uma de suas principais matérias-primas. Basta olharmos qualquer portal da internet para constatar a grande variedade de notícias ali presentes, sobre temas diversos, para os mais variados gostos e tendências.

Na década de 1990, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) passaram a defender a abordagem/ensino dos diversos gêneros discursivos, tanto orais quanto escritos, nas aulas de língua portuguesa, por entenderem a significativa colaboração que tal ensino pode dar ao desenvolvimento da linguagem, funcionando mesmo como um instrumento de trabalho para os professores. Para isso, os PCNs entendem que o aluno deve ter acesso a uma diversidade de gêneros, pois, com esse acesso, há maior probabilidade de ele desenvolver uma competência a que Koch e Elias (2010, p. 102) chamaram de “metagenérica”, ou seja, no processo de construção do sentido dos textos é essa competência que nos possibilita produzir, compreender e até denominar gêneros discursivos.

Dentre a gama de gêneros que a escola tem prestigiado, os gêneros da esfera jornalística, notadamente a notícia, têm tido uma presença marcante. Basta consultarmos qualquer livro didático de Ensino Básico para comprovarmos essa ocorrência. Isso é

perfeitamente explicável, pois a notícia é um dos gêneros a que mais estamos expostos, como temos salientado até aqui.

Este trabalho também contempla a notícia, mas o enfoque que procuramos dar a ela é do ponto de vista de sua criação, de sua gênese. Como nasce uma notícia escrita no âmbito escolar por estudantes do Ensino Médio? Quais os conhecimentos que esses estudantes revelam ter a respeito desse gênero? Bakhtin, em sua obra “Estética da criação verbal” (1997, p. 277-326), postula “um vínculo indissolúvel, orgânico” entre estilo e gênero. O autor observou que há gêneros que não permitem muitas inovações. São exemplos desses gêneros um requerimento e a própria notícia; mas há outros mais acomodatórios a entradas individuais, como é o caso dos gêneros literários. Portanto, há forças que atuam nos gêneros no sentido de estabilizá-los ou desestabilizá-los. Em alinhamento com essa observação de Bakhtin, também nos interessa, neste trabalho, investigar a intensidade dessas forças genéricas que atuam no gênero notícia e se esse gênero permite entradas subjetivas ou é seu estilo mais rígido que se sobressai.

Para alcançar esses objetivos, analisaremos elementos do processo de construção de uma notícia escrita conjuntamente por duas estudantes do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de uma cidade do interior de São Paulo. Para termos acesso ao processo de escrita desse texto, usamos um *software* francês chamado *genèse du texte*, gravamos em vídeo a conversa que as estudantes mantiveram a respeito dele durante sua escrita e fizemos uma entrevista posterior com a dupla a respeito das operações de reescrita que realizaram. É o resultado dessa pesquisa que passamos a apresentar, agora.

Por falar em gênero discursivo...

As reflexões sobre o conceito de gênero do discurso que têm sido feitas, nas últimas décadas, são sustentadas por Bakhtin e seu Círculo e têm se estendido para diferentes domínios, como a Linguística Textual, a Análise do Discurso e a Pragmática. Para Bakhtin (1997), o objetivo da linguagem é a comunicação entre um falante/ouvinte e entre um eu/tu, sendo, portanto dialógica. O produto dessa interação social é o enunciado, que está associado a uma situação material concreta e ao contexto de sua produção. Segundo o autor, “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Os gêneros do discurso, por sua vez, estão associados aos enunciados. Quando enunciamos, segundo Bakhtin, sempre tomamos por base um gênero. O autor postula a existência de várias esferas da atividade humana. Por elas serem muitas e variadas, utilizam a língua nacional de modo variado também. São as diversas esferas da atividade humana que produzem os discursos, os quais assumirão formas diferentes de acordo com a atividade humana que se desenrola e das funções da linguagem que estão em jogo. Portanto, cada esfera elabora “tipos mais ou menos estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 279), que se caracterizam pela temática, pelo estilo e por certa organização. A esfera jornalística é uma das mais conhecidas, justamente porque ela é responsável pela divulgação da informação e porque expressa opinião.

Os enunciados reúnem os mais variados gêneros discursivos em uso na língua, nessas esferas da comunicação social, o que fez com que surgisse uma gama ilimitada de gêneros ao longo da história humana, razão que levou Bakhtin a elaborar uma classificação bastante ampla dos gêneros em primários e secundários. Os primeiros são constituídos de comunicação verbal cotidiana, principalmente oral, como a conversação, que usamos na relação imediata com nossos interlocutores; já os secundários aparecem em circunstâncias de comunicação cultural “mais complexas e mais evoluídas”, principalmente escritas, e são desenvolvidos nas áreas artísticas, científicas e sócio-políticas. Os gêneros secundários absorvem e transformam os gêneros primários, que passam a fazer parte de sua constituição, e, por conseguinte, se afastam da situação imediata de produção do enunciado e de seus contextos reais de uso.

Bakhtin, ao salientar que os gêneros são “relativamente” estáveis, dá ao sujeito a possibilidade de criá-los e modificá-los. É o estilo que oferece essa chance. Dentro da teoria da enunciação de Bakhtin, sua concepção de estilo não se restringe à análise das formas linguísticas em si, nem à sua estrutura, mas dá ao sujeito a possibilidade de imprimir seu estilo individual no gênero, o que não implica, necessariamente, a criação de gêneros novos. Não obstante, o gênero notícia aponta para certa estereotipia, como veremos a seguir. Sendo assim, será que nossa dupla¹¹ consegue transitar por ele com flexibilidade? Antes de investigarmos, vamos conhecer um pouco a respeito desse gênero.

¹¹ Em nosso caso, temos escrita conjunta. Logo, estamos considerando o estilo individual de que nos falou Bakhtin como o estilo da dupla, pois não estamos tratando o estilo de cada sujeito, em particular. O sujeito contribui com sua expressividade ao organizar e produzir um determinado gênero. Acreditamos que o mesmo princípio se aplique à escrita em dupla: ao escrever conjuntamente,

Notas sobre o gênero notícia (impressa)

Segundo Laje (2003), do ponto de vista estrutural, a notícia se define como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAJE, 2003, p. 16). Van Dijk (1996) chama essa particularidade da notícia de “estrutura de relevância”, pois ela indica ao leitor qual informação é mais importante ou proeminente no texto. Segundo Van Dijk, a manchete terá uma função ímpar nessa estrutura de relevância, pois ela expressa o tópico mais “importante” da notícia.

Van Dijk (1996) realizou um estudo com o intuito de propor um quadro analítico para as estruturas do discurso da notícia na imprensa e coletou, para isso, 250 jornais de 100 países e submeteu mais de 700 artigos às análises quantitativas e qualitativas. Entre outras coisas, o autor pôde concluir, com esse estudo, que as notícias se estruturam da seguinte forma: há uma manchete, um *lead*, o episódio e os comentários. Manchete e *lead* são categorias óbvias desse esquema. A manchete é a primeira delas, pois todos os gêneros noticiosos são encabeçados por uma manchete. Elas são grandes e em tipo negrito. O *lead* é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso. É o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante. Ainda quanto ao *lead*, Van Dijk observou que se trata de uma categoria opcional, porque muitos jornais não apresentaram um *lead* separado, marcado, que recobre (assim como a manchete) as várias colunas, caso haja mais de uma. Tais regras de “expressão” podem ser ligeiramente diferentes para cada cultura ou cada jornal. Portanto, vê-se que Van Dijk assume que há um esquema fixo, convencional, que consiste em categorias típicas (pelo menos em parte) do discurso da notícia.

Com relação à estrutura temática, Van Dijk notou que o tópico mais alto ou mais importante é apresentado na manchete, o topo da macroestrutura completa do texto é formulado no *lead*, e as sentenças ou parágrafos iniciais do texto expressam um nível ainda inferior da macroestrutura, apresentando detalhes importantes a respeito de tempo, local, participantes, causas/razões ou consequências dos eventos principais. Cada parágrafo seguinte

os sujeitos envolvidos dão sua contribuição para o estabelecimento das redes intertextuais e interdiscursivas.

desenvolve um tópico de nível inferior, de acordo com alguns princípios de produção (estratégias de escrita), os quais o autor (1996) elenca do seguinte modo:

- a) consequências importantes vêm em primeiro lugar;
 - b) detalhes de um evento ou ator sucedem-se à menção global do evento ou pessoa;
 - c) causas ou condições de eventos são mencionados após o evento e suas consequências;
 - d) informação contextual e de *background* vêm por último.
- (Van Dijk, 1996, p. 139).

Ainda é necessário acrescentar duas características importantes da notícia: sua linguagem peculiar e a pretensa imparcialidade. O jornalismo noticioso impõe o uso de certo vocabulário e de certa gramática. As restrições são tantas que levaram jornais como O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, por exemplo, à elaboração de manuais de redação e estilo com o intuito de definir princípios que tornassem uniforme a edição do jornal. Tais manuais expõem as instruções gerais e específicas que as instituições julgam indispensáveis à preparação de um bom texto jornalístico, agrupando as normas internas, gramaticais, ortográficas e de estilo necessárias a esse trabalho. Esses manuais são construídos como uma espécie de dicas. São as normas internas da instituição que fornecerão os princípios destinados à uniformização do texto do jornal, desde o modo de grafar o próprio nome do jornal até a forma de usar o negrito e o itálico, as maiúsculas e minúsculas, os nomes próprios, as aspas, os sinais de pontuação etc., conforme se lê no Manual de redação e estilo do jornal O Estado de S. Paulo (1998). Segundo Bonini (2004), esses manuais também mostram uma concepção de gênero como sendo fixo, delimitável, uma parte da técnica jornalística, que pode ser, inclusive, ensinada. No entanto, como sabemos, análises estruturais por si não são suficientes, pois elas não revelam os contextos cognitivos e socioculturais da produção e recepção das notícias.

Quanto à tão comentada e almejada imparcialidade, as pesquisas apontam que é apenas pretensa (VAN DIJK, 1996; LAGE, 2003; ALVES FILHO, 2011). Van Dijk (1996), por exemplo, exibiu os resultados de um trabalho realizado pelo Grupo de Mídia da Universidade de Glasgow, que mostrou que

a suposição, senão a prescrição, de “imparcialidade” das representações da notícia (de companhias radio-emissoras públicas como a BBC) é posta em questão até pela descrição tendenciosa das greves em favor daqueles que estão no poder, um viés que pode ser detectado especialmente em pequenos

e sutis detalhes do relato noticioso (estilo, turnos em entrevistas, tomadas da câmara etc.). (VAN DIJK, 1996, p. 127).

Alves Filho (2011) ressalta que até o próprio controle da estrutura composicional da notícia revela motivações ideológicas, na medida em que ele pode levar o leitor a acreditar que há imparcialidade e objetividade. O autor observa, ainda, que evidências empíricas mostram que as ordenações sintáticas e as escolhas por estruturas passivas ou ativas deixam entrever posicionamentos dos jornais sobre os fatos noticiados. Os agentes da passiva, por exemplo, costumam ser utilizados quando autoridades ou instituições são responsáveis por atos negativos, frisa Alves Filho.

Vamos deixar que a própria mídia nos informe a respeito dessas manobras ideológicas. Em 21 de janeiro de 2013, um incêndio ocorrido em uma boate da cidade de Santa Maria, Rio Grande Sul, vitimou 233 pessoas, em sua maioria estudantes universitários da cidade. Criticando a forma tendenciosa com que o episódio estava sendo tratado pela mídia, Aurélio Munhoz, colunista da revista *Carta Capital on line*, expressou-se sobre o tema da seguinte maneira, em sua coluna, um dia após o episódio:

[...]

A mídia tem todo o direito – e, mais que isto, o dever – de noticiar tragédias como a que estamos acompanhando, ao vivo e em cores. Fornecer informações de interesse público é uma das suas atribuições. A morte de 233 seres humanos, ainda mais nas circunstâncias verificadas na casa de shows é, obviamente, digna de uma extensa cobertura porque interessa a um expressivo segmento da sociedade.

As escolas de jornalismo sérias ensinam, porém, que o tratamento de assuntos desta natureza pressupõe cuidado extremo. Não por acaso. É tênue, muito tênue, o limite que separa a informação de interesse público da notícia convertida em espetáculo com objetivos escusos.

Infelizmente, muitos colegas da imprensa (deliberadamente, inclusive) romperam este limite no caso em análise. Boa parte da mídia está fazendo a cobertura da tragédia de Santa Maria não com o nobre propósito que deveria motivá-la – garantir que aberrações como esta não se repitam, algo possível por meio da divulgação permanente de informações corretas e isentas, fruto de pesquisa e investigação sérias, revelando seu compromisso com a sociedade.

Seu propósito é outro – absolutamente vil, porque imoral e oculto: converter a tragédia dos meninos de Santa Maria em um grande espetáculo midiático com o objetivo de garantir audiência cativa. De preferência, às custas das lágrimas do público. É o que se chama, em Teoria da Comunicação, de “espetacularização” da notícia, ou seja, a sua conversão em um agente não do bom jornalismo, mas do entretenimento e do cinismo, porque dá a falsa impressão de que o compromisso primeiro desta mídia é com o público, quando o é de fato, acima de tudo, com seus patrocinadores.

[...]

Portanto, o próprio meio jornalístico tem conhecimento das diversas visões subjetivas que estão incrustadas nas notícias e que há privilégio de uma informação em detrimento de outra. Mas, e quanto às nossas alunas? Reconheceram elas os implícitos subjacentes às notícias, quando escreveram a sua, ou limitaram-se a reproduzir sua estrutura composicional? Entendamos, primeiramente, como captamos esse texto em seus *status nascendi*.

Considerações metodológicas

O principal meio que utilizamos para captar a linguagem no momento de sua elaboração foi com a utilização de um *software* francês chamado *genèse du texte*, desenvolvido pela *Association Française pour la Lecture*, em 1993, com objetivos pedagógicos¹². Com ele pudemos registrar o histórico de todas as operações de reescrita que nossos sujeitos realizaram no texto durante sua escrita, como as idas e vindas, as substituições, as novas ordenações, as pausas etc. Esses registros podiam ser impressos, para que o analista pudesse se debruçar sobre eles.

Além do *genèse du texte*, acrescentamos à pesquisa dois outros recursos metodológicos: uma gravação em vídeo do diálogo mantido entre as estudantes a respeito do texto que estavam produzindo e uma entrevista gravada em áudio, feita uma semana após a elaboração do texto, questionando-as sobre os motivos que as levaram a efetuar as mudanças que efetuaram nele. Portanto, o texto foi escrito conjuntamente de propósito, justamente porque queríamos registrar o diálogo mantido entre as estudantes a respeito do texto para identificar suas reflexões, suas dúvidas, suas escolhas linguísticas etc. O fato de estarem dois sujeitos conversando sobre a apreensão de um gênero, enquanto escreviam, abria, para nós, novas possibilidades de interpretação para a atividade de refacção, como, por exemplo, poder

¹² Infelizmente, esse *software* não foi mais atualizado pela associação francesa que o criou, após a conclusão da pesquisa que se propuseram a fazer, na época. A versão que possuíamos dele foi adquirida pela Profa. Dra. Raquel Salek Fiad, da Universidade Estadual de Campinas, em 1999. Logo após à nossa própria pesquisa, esta versão também ficou obsoleta, pois ela foi reproduzida no antigo disquete 3¼ e somente era possível instalar o programa com a utilização do Windows 95. Pouco tempo depois, o disquete foi suplantado pelo CD e a versão 95 do Windows foi atualizada para a versão 97. A Profa. Fiad também orientou o *modus operandi* da metodologia de coleta dos dados que estamos utilizando, neste trabalho.

considerar as reformulações orais feitas por esses sujeitos diante do texto como uma espécie de “reescrituração” não textualizada.

Vamos ilustrar como esses três recursos metodológicos se juntaram e se completaram, possibilitando-nos a apreensão de nossa notícia da forma mais completa possível. Inicialmente, vejamos um trecho de um dos relatórios que o *software* pode gerar, o *historique*, que mostra a gênese do texto, passo a passo. Estas são as tentativas que A. e S. (as iniciais dos nomes das estudantes) fazem para escrever a manchete da notícia:

OPERATIONS EM ECRITURE.

ajout de «ma».
 ajout de «vida».
 ajoute de «nas».
 suppression de «nas».
 suppression de «vida».
 suppression de «ma».
 ajout de «Uma».
 ajout de «vida».
 ajout de «nas».
 ajout de «mãos».
 suppression de «mãos».
 suppression de «nas».
 suppression de «vida».
 remplacement de «Uma» par «Policiais».
 ajout de «salvam».
 ajout de «mais».
 ajout de «uma».
 ajout de «vida».

O registro acima nos informa que:

- 1) A. e S. escrevem: *Ma vida nas...* – mas apagam todo o trecho, em seguida.
- 2) Logo após esse apagamento, escrevem: *Uma vida nas mãos...* – apagam o trecho inteiro, novamente.

- 3) Substituem “*uma vida nas mãos*” por “*Policiais salvam mais uma vida*” – esta será a manchete que se manterá no texto definitivo, com o acréscimo do dado exposto no próximo item.
- 4) Posicionam o cursor na próxima linha para escrever o subtítulo da manchete. Em seguida, voltam a posicionar o cursor na manchete que haviam acabado de escrever, para inserir um ponto final.

Esse trecho do *genèse*, acima, mostra que A. e S. iniciam a escrita da manchete da notícia da seguinte forma: *Uma vida nas mãos...* Essa frase não foi concluída por escrito, mas a gravação em vídeo revelou que ela seria terminada com “*dos policiais*”: *Uma vida nas mãos dos policiais*. Porém, antes mesmo que essa primeira versão fosse concluída, elas invertem posições de elementos sintáticos, acrescentam e retiram outros e, então, escrevem a manchete que se manterá como definitiva, no texto: *Policiais salvam mais uma vida*. Se não tivéssemos feito a gravação da conversa mantida pelas estudantes, não teríamos como saber que elas cogitaram terminar a escrita da primeira versão da manchete com “*dos policiais*”. Na entrevista posterior que fizemos, perguntamos por que rejeitaram a primeira opção. Elas responderam que “‘*uma vida nas mãos dos policiais*’ não é uma manchete chamativa. E ‘*Policiais salvam mais uma vida*’, quando o leitor lê, ele chama a atenção dele, ou prende a atenção”.

Ressaltamos que os dados que estamos analisando apontam para indícios. Como entrar em questões de sentidos de um texto, de estilo, a não ser por indícios? Por isso, adotamos os pressupostos do chamado paradigma indiciário, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989). No texto “*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*” (1989), Ginzburg lança as bases desse modelo epistemológico que trata da reconstituição de um gesto muito antigo de decifrar pistas, relacionando indícios. Abaurre, Mayrink-Sabinson e Fiad (1997), incluem-no no âmbito de uma teoria da linguagem, em suas pesquisas, e achamos pertinente adotar essa postura também.

.Vejam, agora, o que nos mostra a parte submersa da notícia de A. e A. Salientamos que seria impossível mostrar a gênese desse texto, passo a passo, em um espaço limitado como o de um artigo. Portanto, exibiremos os dados que nos ajudarão a refletir sobre os questionamentos que estamos fazendo.

Os bastidores da notícia de A. e S.

Quando coletamos os dados, A. e S. estavam cursando a 1ª série do Ensino Médio, em uma escola pública da cidade de Valinhos, interior de São Paulo. Tinham 16 anos e eram alunas da pesquisadora, que lecionava a disciplina de Português nessa escola. Optamos por essa etapa da escolaridade pelo fato de seus integrantes já dominarem os recursos básicos da escrita e já serem capazes de se colocarem como leitores de seus próprios textos, reelaborando-os, refazendo-os, a partir dos conhecimentos sobre a escrita de que já dispunham. Antes de A. e S terem acesso ao tema para a elaboração do texto, houve uma discussão sobre o gênero notícia com duração de aproximadamente 10 minutos com a professora-pesquisadora. Essa discussão foi baseada em uma síntese de uma página preparada exclusivamente para esse propósito, contendo informações sobre as características principais do gênero, de acordo com alguns manuais sobre produção textual para o Ensino Médio¹³.

Na proposta de produção textual que entregamos às estudantes, pedimos a elas que se colocassem na posição de redatoras de um jornal e escrevessem uma notícia, inspirando-se em uma foto que mostra quatro policiais militares colocando uma mulher jovem em uma maca. Ela portava uma máscara de oxigênio no rosto. O local parecia ser de um cômodo de casa ou de apartamento e era bem pobre.

A. e S. posicionam-se em frente ao computador em que estava instalado o programa *genèse du texte* para começar a escrita de sua notícia. Quem digita o texto é A., e S. senta-se ao seu lado. A dupla escreve a seguinte notícia:

Policiais salvam mais uma vida.

Dona de casa quase morre por acidente doméstico.

Ontem, 23 de junho de 1999, em um subúrbio do Rio de Janeiro aconteceu um fato inesperado. A doméstica Giselda Pires dos Santos estava limpando sua antiga casa, quando encontrou por acaso em sua lavanderia produtos antigos esquecidos a vários meses. Curiosamente a doméstica verifica os produtos para saber o que é, mas ao inalar esses

¹³ Os manuais didáticos utilizados foram estes: SARMENTO, L. L. **Oficina de Redação**. São Paulo: Moderna, 1999; e CAMPEDELLI, S. Y. & SOUZA, J. B. **Produção de textos e usos da linguagem**. São Paulo: Saraiva, 1998.

produtos já vencidos ela começa a ter uma asficciação. Naquele momento uma vizinha foi a casa de Dona Giselda quando a encontrou caída sobre o chão, então imediatamente chamou a polícia. Em poucos minutos os policiais já estavam presentes no local e imediatamente prestaram a doméstica os primeiros socorros, e levaram-a no mesmo instante para um PS (Pronto Socorro). Um dos policiais deu a nós a informação de que se eles demorassem mais um pouco a doméstica não resistiria. Agora a dona de casa passa bem embora ainda esteja de repouso.

A proposta de produção textual dava flexibilidade às estudantes para decidirem sobre a temática da notícia, sobre seu evento deflagrador, sobre o perfil que teriam seus personagens etc. Portanto, A. e S. poderiam mostrar, sem muitos entraves, suas capacidades linguísticas, textuais e genéricas, fundamentais para a elaboração do texto.

Vejamos quais foram as primeiras palavras da dupla diante de tal desafio, conforme nos mostra a gravação em vídeo:

S.: a gente coloca o motivo porque aconteceu: policiais salvando ela, colocando uma máscara de oxigênio. O que que tem aqui?

A.: tá parecendo um quarto, uma casa.

S.: a gente pode colocar mais ou menos assim: mulher é... tipo assim, uma mulher dá vida aos policiais... a gente coloca em baixo: por poucos minutos... aí a gente coloca o nome dela, não morre por asfixiação, uma coisa assim.

A.: uma vida nas mãos dos policiais, pode ser?

S.: pode.

A.: nas mãos... (*falando enquanto escreve*). Nas mãos ou na mão?

S.: nas mãos.

A.: de policiais, dos policiais (*testando as duas alternativas*). Lê a primeira alternativa: uma vida das mãos de policiais.

S.: uma vida na...

A.: uma vida nas mãos dos policiais (*tentando ver qual alternativa era a melhor*).

S.: por que não assim: policiais salvam mais uma vida?

A.: pode ser. Policiais... Policiais ou policial?

S.: policiais, plural. A gente coloca entre parênteses, deixa bem em baixo. Pode começar a escrever no começo, depois a gente centraliza. Vamos escrever é... no que que aconteceu.

A.: no que que aconteceu?

S.: a gente pode colocar assim: fatos acontecidos... Tem que mudar “fatos acontecidos no subúrbio”. Não tem quase nada, a casa é bem pobre.

A.: é bem pobre.

S.: fatos acontecidos no subúrbio (*repetindo*). Põe vírgula, né.

A.: fatos acontecidos no subúrbio...

S.: é... (*olhando a foto*) Por causa de alguma coisa. Por causa do quê ela está assim?

A.: *repete*: fatos acontecidos no subúrbio. (*Pede para ver a foto. Olha-a bastante*).

S.: apaga, apaga. Não,” a vida” deixa, a vida. Salva mais uma vida. Salva mais uma vida é... Coloca assim: policiais... não, não, policiais, não. Salvam mais uma vez uma vida. Ah, não sei, policiais, porque a gente tem...

A.: *relendo*: policiais salvam mais uma vida

Pela gravação ficamos sabendo que as estudantes decidem noticiar o caso de uma mulher que teria sido asfixiada, no entanto não deixam claro com o quê. A informação que temos é de que o fato seria ambientado em um subúrbio, porque o local de sua ocorrência lhes pareceu pobre.

O texto começa a ser escrito imediatamente, sem planejamento prévio, com o intuito de levantar informações relevantes para seu desenvolvimento. Como sabemos, a escrita é uma tarefa gradativa, que se realiza por etapas. Na primeira delas, costuma-se selecionar as informações a serem comunicadas e, em seguida, organizá-las. A falta de um planejamento inicial parece ser um indício que aponta para certo procedimento que nosso sistema escolar legitimou: a priorização do produto final em detrimento da realização das etapas que compõem o processo.

Sem saberem ainda o motivo que teria levado a vítima a ter uma asfixia e como configurariam a notícia, A. e S. procuram escrever a manchete. O gênero começa a se impor à dupla. Vimos, acima, que o *software genèse du texte* registrou duas versões da manchete: “Uma vida nas mãos...”, frase que não foi concluída por escrito, mas oralmente, e “Policias salvam mais uma vida”, a manchete final. Perguntamos às alunas, na entrevista, sobre os motivos que as levaram a rejeitar a primeira versão e, além das respostas que já apontamos, elas comentaram que:

A.: pode perceber que em jornais, televisão, sempre as notícias que chamam mais a atenção é a notícia de desgraça. Então, isso daí é o que chama mais a atenção mesmo. E como tá acontecendo sempre isso, os policiais salvam mais uma vida, porque eles sempre estão salvando, todo dia eles salvam várias vidas, várias pessoas, então policiais salvam mais uma vida.

As respostas que nos deram fornecem informações importantes sobre o gênero notícia: que ele deve ser encabeçado por uma manchete, mas que ela deve prender a atenção dos leitores. A primeira versão que elas cogitaram não se encaixava nesse quesito. A. e S. informam, ainda, que notícias cujas temáticas giram em torno de “desgraças” despertam ainda mais a atenção do público, leitor e ouvinte. Portanto, elas escolhem uma forma e um conteúdo que se ajustam ao gênero e a seu propósito comunicativo, qual seja: em linhas gerais, comunicar algo relevante e de interesse do público.

Concluída a manchete, a dupla procura escrever o subtítulo da notícia. Vejamos como foi a conversa entre elas, nesse momento:

S.: é. Dona de casa quase morre por asfixiação. Ela tá recebendo oxigênio aqui.

A.: *falando enquanto escreve:* quase morre...

S.: *repetindo:* quase morre...

A.: por acidente doméstico?

S.: pode ser. Depois a gente coloca o motivo. Ponto. *Relendo:* policiais salvam mais uma vida. Dona de casa quase morre por acidente doméstico. *Mexendo no texto com o teclado:* agora a gente vai dar o quê? Um espacinho? A gente tem que contar porque quase ela morre por acidente doméstico.

Esse trecho mostra, novamente, uma reescrita que não foi textualizada, apenas oralizada. A dona de casa iria morrer por asfixia, inicialmente, e não por acidente doméstico. Reiteramos que, se não tivéssemos filmado a conversa que a dupla manteve entre si, não teríamos acesso a dados como esse. Perguntamos, na entrevista, por que a dona de casa não poderia ter morrido por asfixia. A. nos responde: “daí já ia contar a história e ia perder a graça como um todo. Pra que ler a notícia se você já tava sabendo toda a história”? No âmbito jornalístico, elaborar manchetes eficazes é de extrema importância, pois é o título da notícia que costuma aguçar a curiosidade do leitor para a leitura completa do texto. Van Dijk (1996)

observou essa particularidade fundamental das notícias, em seu trabalho. Essa técnica continua muito viva nos meios virtuais. *Links*, títulos de blogs, anúncios de produtos têm mais chances de ser “clikados”, se despertarem a curiosidade dos leitores. A. e S. também demonstram conhecer essa nuança do gênero noticioso, mesmo que intuitivamente.

Escrever o *lead* é o próximo passo que dão. Agora, vamos recorrer ao *software genèse du texte* para vermos o que ele registrou sobre essa parte da notícia.

Ontem, dia (*apagam “dia”*).

Ontem, 23 de (*param*) junho de 1999, no subúrbio de (*apagam “de” e escrevem “do”, em seu lugar*).

Voltam ao “no” e o apaga, inserindo, em seu lugar: em um.

O texto até o momento: ontem, 23 de junho de 1999, em um subúrbio... E continuam: do Rio de Janeiro, a dona de casa Maria...

*Apagam “Maria”, e inserem: Giselda Pires (*param*) dos Santos (*param*).*

Voltam à frase acima e colocam ponto final, depois de “Rio de Janeiro”. Depois desse ponto, inserem a palavra “quando”.

*Com essas alterações, temos: Ontem, 23 de junho de 1999, em um subúrbio do Rio de Janeiro. Quando a dona de casa Giselda Pires dos santos (*param*) e continuam: estava limpando antiga casa (*param*). Voltam a essa última frase e inserem o pronome “sua”:* limpando sua antiga casa (*param*).

Apagam “dona de casa” e escrevem em seu lugar “doméstica”: quando a doméstica Giselda...

O texto até esse ponto: Ontem, 23 de junho de 1999, em um subúrbio do Rio de Janeiro. Quando a doméstica Giselda Pires dos Santos estava limpando sua antiga casa...

*Voltam à primeira frase que haviam escrito, depois de “Rio de Janeiro”, e retiram o ponto final que lá estava e inserem, em seu lugar: aconteceu um fato (*param*) inesperado.*

*Recapitulando o texto: Ontem, 23 de junho de 1999, em um subúrbio do Rio de Janeiro aconteceu um fato inesperado. Quando a doméstica Giselda Pires dos Santos estava limpando sua antiga casa... Inserem vírgula depois de “casa” e continuam a escrita: quando por acaso encontrou em sua lavanderia produtos antigos esquecidos por ela (*param*) a vários dias.*

Apagam “dias” e inserem “meses”.

Retomando: Ontem, 23 de junho de 1999, em um subúrbio do Rio de Janeiro aconteceu um fato inesperado. Quando a doméstica Giselda Pires dos Santos estava limpando

sua antiga casa, quando por acaso encontrou em sua lavanderia produtos antigos esquecidos por ela a vários dias.

Esse trecho revela que, nesse momento, A. e S. estavam tentando resumir o fato ocorrido. Em livros didáticos sobre o assunto, é comum encontrarmos afirmações que dizem que os *leads* devem responder a algumas perguntas fundamentais, quais sejam: o que, quando, onde, com quem, como e por que o fato ocorreu. Nas falas das alunas tal modelo aparece. Vejamos essa parte¹⁴.

Vídeo	Entrevista
<p>S.: onde a gente já colocou, onde ocorreu. O que ocorreu. Ocorreu que ela se... (<i>relêem o trecho</i>). Tá dizendo o que ocorreu.</p> <p>A.: e por quê?</p> <p>S.: como e por quê.</p> <p>A.: então...</p>	<p>Pesquisador: [...] então, voltam na proposta e tentam ver isso. Estavam seguindo realmente por aquilo, estavam preocupadas em querer...</p> <p>[...]</p> <p>A.: a gente tava preocupada em informar o leitor.</p> <p>S.: então eu voltei ao texto e dei uma olhada. E comentei com ela: A., a gente tá encaixando as coisas que o texto...</p> <p>A.: não necessariamente naquela ordem que tava lá.</p> <p>S.: mas que o texto pede: aonde, quando, os fatos que... pra passar a informação pro leitor que vai ler.</p>

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros mantêm relação com as práticas de produção de sentido que lhe são anteriores, uma vez que refletem os diversos modos de

¹⁴ A partir de agora, para melhor visualização, na coluna à esquerda apresentaremos a transcrição da gravação em vídeo que fizemos do momento da elaboração textual que estamos considerando e, na coluna à direita, apresentaremos a transcrição da entrevista posterior que realizamos com a dupla.

funcionamento dos eventos enunciativos particulares que organizam. Quando enuncia por meio de um gênero, o sujeito é inserido em modos de enunciar sócio-historicamente constituídos que lhe são prévios. Porém, o que sobressai na fala de A. e S. é o discurso unificador que caracteriza esse gênero, o qual prima por certa organização, certa estrutura e certa linguagem. O gênero notícia, para elas, aparece como um modelo formal a ser seguido e a resposta às perguntas fundamentais prescritas para o *lead* fazia parte desse modelo. A. e S. não percebem, por exemplo, que “[...] a estrutura padronizada pode levar os leitores a crer que as notícias são imparciais e objetivas” (ALVES FILHO, 2011, p. 98), tendo, portanto, motivações ideológicas.

Essa prescrição também fica evidente em outros momentos durante o desenvolvimento do texto. Vejamos alguns deles:

- a. Como localizar o fato no tempo.

Vídeo	Entrevista
<p>A.: ontem...</p> <p>S.: Ontem, vírgula.</p> <p>A.: vamos supor...</p> <p>S.: ontem, 23 de março.</p> <p>A.: ontem dia..</p> <p>S.: não precisa nem colocar dia (<i>interferindo na digitação</i>). Texto, geralmente eles não colocam dia, já coloca direto na... 23... pode colocar uma data qualquer.</p> <p>A.: 29... 30 de fevereiro.</p> <p>S.: Aham!</p> <p>A.: 30 de fevereiro?</p> <p>S.: <i>rindo</i>. Então, vai, coloca hoje, vai. Dia 23 de junho, sei lá das quantas.</p> <p>A.: 23 de junho de mil e novecentos e bolinha.</p>	<p>Pesquisador: algo interessante ainda com relação à data. [...] Ontem dia 23 de junho de 1999. Aí a S. pede para não colocar dia, né, porque nesses textos geralmente não se coloca dia. Se coloca logo...</p> <p>A.: a data.</p> <p>Pesquisador: a data direto.</p> <p>S.: isso</p> <p>Pesquisador: é isso? Onde você viu isso?</p> <p>S.: em jornais. Principalmente em jornais, eles não colocam dia, eles vão colocando direto.</p> <p>A.: 23 de junho de 1999 é um dia, então não precisa colocar dia 23 de junho de 1999.</p>

Escrever o mês por extenso, como A. e S. escreveram, não é um costume entre os profissionais do meio jornalístico¹⁵. A. queria, ainda, acrescentar a palavra “dia” na data: ontem, *dia* 23 de março. S. interfere na digitação que A. fazia, dizendo que não havia necessidade de inserir tal palavra porque “... geralmente eles não colocam dia, já colocam direto na... 23...” Há uma negociação entre as duas estudantes, nesse momento. A maneira escolhida (ontem, 23 de junho de 1999) é fruto dessa negociação. Ao suprimir a palavra dia, S. mostra certo conhecimento sobre expressões de tempo que, de fato, emana dos compêndios jornalísticos, muito embora a forma “23 de junho de 1999” ainda não seja comum no meio. Ela nos remete mais para a maneira tradicional de se datar cartas.

- b. Por que a opção pela cidade do Rio de Janeiro para localizar o fato no espaço.

Vídeo	Entrevista
<p>A.: na cidade, no subúrbio.</p> <p>S.: no subúrbio.</p> <p>A.: no subúrbio (<i>repetindo enquanto escreve</i>). Tem acento?</p> <p>S.: tem. Bu.</p> <p>A.: no subúrbio... de São Paulo. São Paulo?</p> <p>S.: de Jacareí. Não, tem que ir aonde tem subúrbio.</p> <p>A.: São Paulo não tem?</p> <p>S.: não, Rio de Janeiro tem muito subúrbio. Uma cidade bem...</p> <p>A.: subúrbio do Rio de Janeiro.</p>	<p>Pesquisador: por que o subúrbio do Rio de Janeiro? Vocês pensaram em três localidades: Jacareí, até a própria Mooca. Mas o Rio de Janeiro deu a idéia de subúrbio pra vocês. Falem disso.</p> <p>S.: porque no Rio de Janeiro, como mostra a televisão, é... mostra mais uma idéia de subúrbio, é uma coisa mais do próprio Rio de Janeiro. Sempre quando se fala do Rio de Janeiro, logo se tem subúrbio, vem classe baixa, né. Tem muita favela, tem...</p> <p>A.: fala do Rio de Janeiro já pensa logo no povo.</p>

¹⁵ Ver Manual de redação e estilo do jornal O Estado de S. Paulo (1997, p. 125).

A cidade de São Paulo tem tantos (ou mais) subúrbios que a cidade do Rio de Janeiro. Porém, a mídia nos bombardeia com notícias sobre crimes, balas perdidas, drogas, enfim, fatos que ocorrem em favelas e outros lugares do Rio de Janeiro. A escolha delas por ambientar a notícia nessa cidade, mesmo residindo no estado de São Paulo, é um exemplo do poder de influência que o jornalismo exerce no debate público. Ao enunciar, valores e ideologias passam pelo discurso jornalístico. Como ficou claro no testemunho que A. e S. deram sobre o Rio de Janeiro, acima, o noticiário pode influenciar o debate público, sendo também um ator social. A imagem da cidade do Rio de Janeiro tem sido afetada não apenas pelo que lá acontece, mas também pela forma com que estes acontecimentos são relatados e pelas representações criadas a partir desses relatos. A indústria jornalística ainda se inocenta do que diz, como se falasse naturalmente dos fenômenos, sem nada ocultar, exagerar ou distorcer.

c. Um estilo do texto jornalístico: o uso de siglas.

Vídeo	Entrevista
<p>S.: a dona de casa... quando a dona de casa Giselda Pires dos Santos... Aí a gente coloca o que ela tava fazendo... [...]</p> <p>S.: [...] Aí a gente coloca assim: mas ao inalar esses produtos já vencidos, é... a gente pode colocar... ao inalar esses produtos já vencidos, a doméstica... A.: já vencidos... S.: o que que eu falei? (<i>rindo</i>). É que vencido, coincide, combina com a terminação. [...]</p> <p>A.: de novo doméstica? S.: o que que vai colocar? A.: ela.</p>	<p>Pesquisador: [...] Daí, aqui em baixo, essa história do PS. Aí colocaram entre parênteses “pronto-socorro”.</p> <p>S.: ah, porque é muito comum você ler, a maioria, quando você pega um texto de um jornal, você não vê que eles falam pronto-socorro, só colocam as siglas. A.: as siglas. S.: as iniciais. PS... Policiais, como é que eles falam? É... A.: PM. S.: PM. É, primeiro distrito, como é que eles falam? É... A.: esse aí eu não sei, não. S.: DP. Sabe, eles colocam só as</p>

<p>S.: então, vírgula, ela. [...]</p> <p>S.: levaram-a. Levaram-a (<i>testando o verbo</i>) imediatamente para o primeiro PS.</p> <p>A.: mas já tem imediatamente aqui.</p> <p>S.: levaram-a para o primeiro PS da região do subúrbio. PS – Pronto socorro viu?</p> <p>A.: não, eu tô pensando numa palavra pra pôr aqui. E levaram-a no mesmo instante...</p>	<p>iniciais e quem tá lendo não sabe o que é, então a gente resolveu colocar entre parêntese pronto-socorro pra saber o que é. [...]</p> <p>S.: [...] mas muita manchete, eles não colocam direto qualquer coisa, já identificam como DP, PS.</p> <p>A.: é, tem bastante sigla. Quando eu tava lendo lá pro Sesc, porque eu lia jornal o dia inteiro, era a maioria sigla.</p>
---	--

Além de PS, outras siglas aparecem nesse diálogo: PM e DP. O depoimento das estudantes evidencia que elas se apoiaram nas características mais gerais desse gênero e nas situações rotineiras de seu uso para construir o texto. Como A. salientou: “é muito comum você ler, a maioria, quando você pega um texto de um jornal, você não vê que eles falam pronto-socorro, só colocam as siglas”. Portanto, as estudantes demonstram que conhecem nuances específicas de como configurar uma notícia.

Por último, mostraremos os motivos que levaram A. e S. a escolher o tema sobre acidentes domésticos. As respostas a esse respeito foram dadas na entrevista:

Pesquisador: [...] Comente essa escolha. O que influenciou vocês, o que vocês acham que influenciou, alguma coisa do cotidiano...

S.: ah, geralmente esses acidentes que acontecem são acidentes domésticos, né. A dona de casa manuseando os produtos... Falta de leitura também. E a gente tava procurando um lugar pra colocar...

A.: existe muito na televisão... Casa vazia...

[...]

Pesquisador: [...] Essa escolha de inalar produtos, vocês acham que é comum acontecer?

S.: muito comum.

A.: ah, bastante.

S.: a maioria dos acidentes...

A.: ainda mais com crianças, né [...]

Pesquisador: tá, alguma coisa que vocês leram. Isso é comum estar nas manchetes?

A.: comum nos jornais. [...] é, qualquer produto químico assim, né, não deixar ao alcance das crianças, lave sempre os olhos, enxaguar, tem que ver tudo isso.

Nesse trecho, A. e S. revelam suas fontes de informação: “existe muito na televisão... Casa vazia...”. Ou seja, para criarem sua notícia, elas se basearam em acontecimentos reais, envolvendo asfixia por produtos químicos etc., os quais costumam atingir principalmente as crianças. Alguns desses acontecimentos acabam sendo matéria de jornal ou são comunicados em rádio.

Várias áreas da linguística têm demonstrado a importância do conhecimento de mundo para a produção de textos e para a compreensão dos mesmos. Adquirimos esse conhecimento tomando contato com mundo que nos cerca. Os dados acima mostram isso claramente. Mais do que isso, é através desse conhecimento que o aluno poderá colocar em evidência as várias vozes discursivas presentes no texto, discutindo pontos de vista, mostrando a diversidade de correntes e propondo alternativas. As alunas também sabem que não seria qualquer fato que daria notícias de jornais; eles teriam que ser relevantes para serem comunicados à população.

O fechamento dessa discussão deixamos para as considerações finais, abaixo. Por ora, vale destacar que nossa pesquisa chama a atenção para o percurso que o aluno faz até chegar ao texto que considera definitivo. O problema de olhar “textos prontos”, bem feitos, é esquecer-se de que há um processo, complexo, em curso, não apenas da trajetória de escrita de um sujeito, mas também de cada texto particular, por mais bem acabado que pareça.

Considerações finais

Neste artigo, procuramos olhar o gênero notícia sob o ponto de vista de sua gênese. Através de dados do processo de construção de uma notícia escrita por duas estudantes que cursavam o primeiro ano do Ensino Médio, mostramos, por meio dos exemplos recortados, que dados processuais podem nos revelar muito acerca do gênero que está sendo apreendido e

também sobre a relação do sujeito com a linguagem, pois eles revelam detalhes dos bastidores da escrita do texto.

No meio jornalístico, a notícia é um gênero em contraposição a outros, como a reportagem, os editoriais etc., além de ser sinônimo de comunicação e de informação. Como vimos, nossos dados processuais mostraram que o gênero notícia também possui determinado *modus faciendi*, pois ele obedece a regras de construção e tem por objetivo a publicação. Essa estereotipia do gênero apareceu bastante no diálogo que A. e S. mantiveram entre si, ao elaborar sua notícia, a saber: iniciaram-na com a data do fato narrado, procuraram usar frases objetivas, evitaram repetições e, para isso, usaram recursos de referenciação, fizeram escolhas lexicais que se adequassem mais à configuração do gênero, explicitaram que uma manchete deve ser curta e chamar a atenção do leitor, entre outras características.

Como qualquer gênero possui uma estrutura que lhe é anterior, caso contrário a comunicação não se daria, é preciso ter cuidado para não se cair em uma visão prescritiva dos mesmos, ao se ensinar gênero na escola. Vimos que essa prescrição apareceu fortemente na fala de A. e S. Ao contrário disso, os gêneros devem ser vistos em seu caráter histórico e dinâmico. Agindo assim, os alunos podem ser levados a perceber que os gêneros carregam manobras ideológicas, valores, situações e papéis sociais representados pelos parceiros da enunciação, além da forma e do conteúdo. Salientamos que uma notícia nem sempre colocará em evidência os vários pontos de vista diferentes envolvidos em sua ocorrência, e é importante que nossos alunos percebam essas manobras. A. e S. mostraram razoável domínio sobre o gênero ao fazerem escolhas adequadas tanto da forma como do conteúdo, mas não revelaram nada a respeito dos valores neles expressos. Em outras palavras, elas não perceberam que há funções implícitas, que não são inteiramente assumidas pela mídia, como promover as crenças e os valores dos grupos sociais dominantes (VAN DIJK, 1988).

Bakthin (1997) alertou-nos sobre as forças que atuam nos gêneros, uma no sentido de estabilizá-los (forças centrípetas) e outra no sentido oposto (forças centrífugas). No gênero notícia, constatamos que A. e S. realizaram escolhas linguísticas articulando os recursos disponíveis em seu repertório linguístico, dotando-os de sentido. Mas, enunciando nesse gênero em específico, as escolhas foram muito marcadas sócio-historicamente. Nossos sujeitos não encontraram um espaço muito propício ao trabalho estilístico individual, ao manifestarem-se em uma notícia, prevalecendo o estilo do gênero.

Referências

ABAURRE, M. B. M.; MAYRINK-SABINSON, M. L.; Fiad, R. S. **Cenas de aquisição da escrita**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, M. 1997. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 1998. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: Editora da Unesp/Hucitec.

BONINI, A. 2004. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (dis)curso*, v. 4, n. 1. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0401/00.htm>

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto/Anhanguera, 2010.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MUNHOZ, A. O cinismo da mídia. **Revista Carta Capital On line**, 2013. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-cinismo-da-midia/>

O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de redação e estilo**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

VAN DIJK, T. A. Estruturas da notícia impressa. In: **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1996, p. 122-157.